

eq
Quarterly

vol.III - nº3 | Maio 2013

40_50_60 + 43

domingos caldeira francisco feio luísa de sousa miguel saavedra + luís carvalhal

3 editorial

4 (In)acabado

5 domingos caldeira

10 francisco feio

15 luísa de sousa

20 miguel saavedra

25 _43

26 luís carvalhal

31 ficha técnica

eq
Quarterly

editorial

Há confrontos que nascem da aproximação, outros nascem da distância. Para a Fotografia o risco dos espaços comuns pode aparecer em visões copiadas, em instantes repetidos ou no interesse ou desinteresse pelo já visto. Se a isto juntarmos um outro espaço comum, porque afastado, porque diferente, então o recurso ao mais simples e mais básico que a fotografia tem que é o efeito de termos passado por lá transforma-se de risco em efeito, de estratégia em necessidade. É tudo isto que 40_50_60 + 43 experimenta e põe em questão. De uma aparente visão aproximada de quatro fotógrafos para um mesmo espaço saímos da ilusão da semelhança para uma semelhante ilusão de um percurso solitário pelos números de porta de uma cidade vazia.

40_50_60 + 43 foi apresentada em dois espaços contíguos da aAR|74 galeria, Casa da Fotografia, sendo 43 acompanhada por uma projecção de vídeo.

(In)acabado

40.50.60 de Domingos Caldeira, Francisco Feio, Luísa de Sousa e Miguel Saavedra reúne um conjunto de fotografias realizadas num espaço em processo de transformação interior que se tornaram em pretexto para a construção de um olhar fotográfico sobre o espaço, os objectos e a passagem do tempo.

Não é um processo a que sejamos alheios, este da documentação da transformação de um espaço ao longo dos diversos momentos do percurso: do vazio progressivo em que vai sendo despojado do que o habitava, às primeiras demolições, a reconstrução, os acabamentos e o (re)povoamento. Vemos o espaço mudar, aparecerem e desaparecerem objectos, há formas que nascem sobre outras, descobrimos vestígios de usos passados e anúncios de futuro. Vemos o espaço em camadas de tempo que se sobrepõem por vezes como numa colagem, outras na forma de ténues palimpsestos ou ainda nas indecisões ou alterações de última hora que na pintura são conhecidas por *pentimenti*.

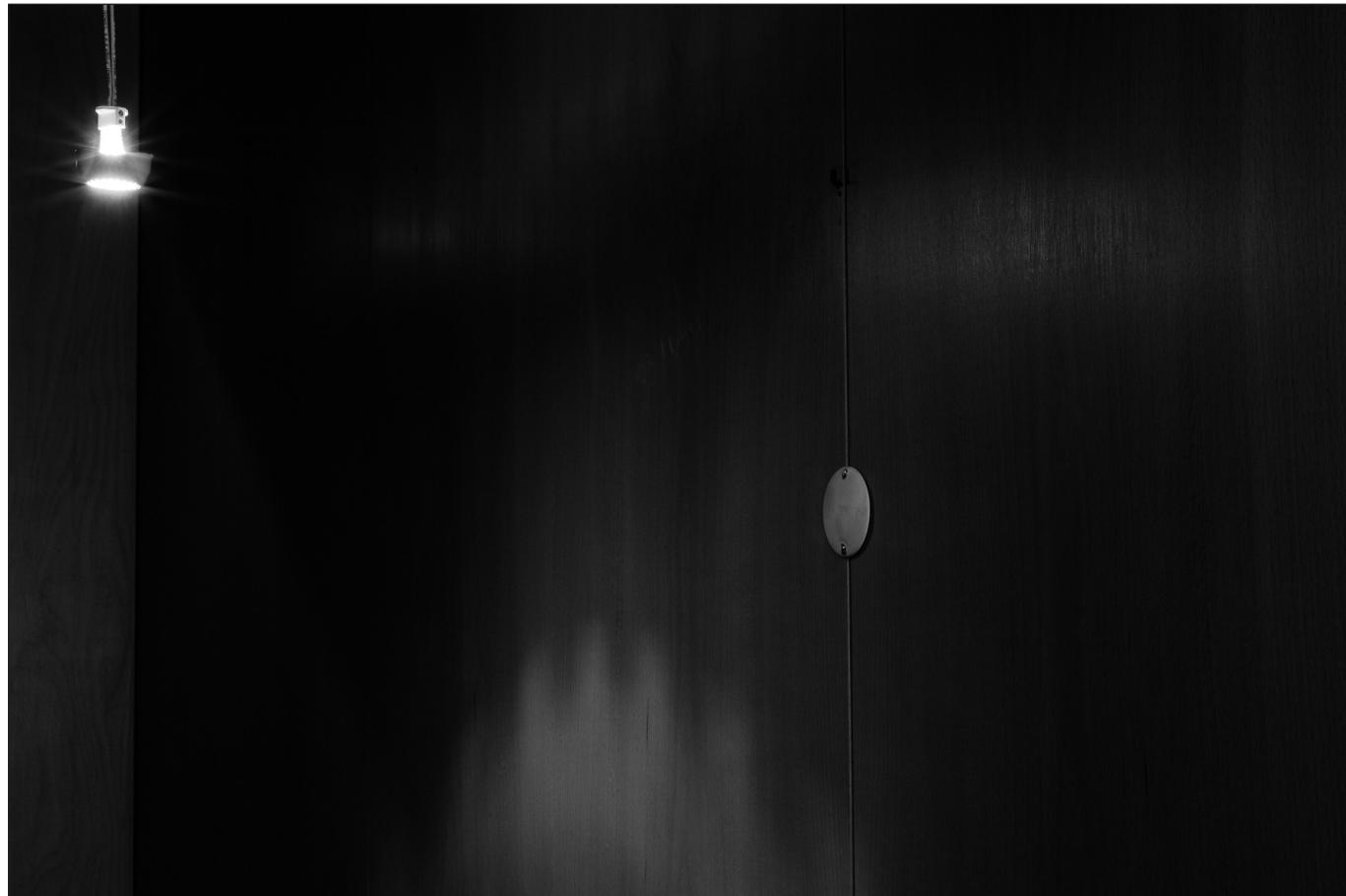
Este não é um espaço abandonado ou em lenta degradação pela acção do tempo como é habitual encontrar um pouco por todo o lado. É um espaço a meio de uma intervenção de renovação que o destino suspendeu. Neste momento, deve permanecer nesta suspensão silenciosa tal como aparece nas imagens, as últimas possíveis antes da interrupção. Tornou-se assim um espaço indefinido e indeciso quanto ao futuro como se estivesse num limbo sem fim à vista. O projecto será certamente outro e outro rumo lhe será traçado; o que dele resta são estas imagens.

Não se trata por isso de nenhum trabalho sobre a ideia de ruína contemporânea, abandono, ou de uma reflexão sobre o estado da economia. São fotografias que nasceram do encontro de um espaço com um fotógrafo (na realidade quatro), meras reflexões pessoais sobre o espaço, os objectos e o tempo, sobre aquela realidade específica naquele momento de cruzamento.

Para nós, a fotografia não é alheia ao processo de sedimentação do tempo. É um processo lento no ver, no fazer e no editar. O olhar é deliberadamente demorado, como se a visão precisasse desse tempo para poder ver, para acomodar o ponto de vista ao objecto, fazer coincidir a geometria do espaço com a da imagem (ou subvertê-la quando esta o pede). Por razões que não vêm ao caso e que se prendem sobretudo com a indecisão quanto ao futuro da obra, o processo de edição acabou por ser longo (já que as fotografias são de 2011). Este diferimento no tempo não deixou de introduzir alguns factores positivos como a distância em relação ao fotografar e, consequentemente, um olhar mais neutro sobre as fotografias. Sem a memória do espaço e do fotografar próxima e presente, foi menos complexo olhar para o trabalho com menor emotividade o que permitiu redescobrir e recuperar todo um espaço de investimento no fotográfico que acompanhou o desenrolar do projecto.

Cada um traz consigo as suas imagens, o seu repositório privado, um conjunto de memórias venham elas da fotografia, literatura, música ou pintura. Mas no final é sempre à matéria fotográfica que regressamos, à densidade do negro e à intensidade da luz, à atmosfera que só vagamente nos transporta à realidade representada. Por vezes, é a própria matéria da representação fotográfica que ganha corpo e se faz mundo. Esta é uma escolha sobre uma parcela de um projecto inacabado, como tantos outros em que vamos tropeçando ao longo do tempo. A presente mostra é uma tentativa de lhe dar uma conclusão possível cruzando olhares, estabelecendo relações, dar-lhe um sentido.

francisco feio, parede, maio de 2013



domingos caldeira
lisboa, pt, 2011



domingos caldeira
lisboa, pt, 2011



domingos caldeira
lisboa, pt, 2011



domingos caldeira
lisboa, pt, 2011



domingos caldeira
lisboa, pt, 2011



francisco feio
lisboa, pt, 2011



francisco feio
lisboa, pt, 2011



francisco feio
lisboa, pt, 2011



francisco feio
lisboa, pt, 2011



francisco feio
lisboa, pt, 2011



lúsa de sousa
lisboa, pt, 2013



lúisa de sousa
lisboa, pt, 2013



lúisa de sousa
lisboa, pt, 2013



lúsa de sousa
lisboa, pt, 2013



lúisa de sousa
lisboa, pt, 2013



miguel saavedra
lisboa, pt, 2011



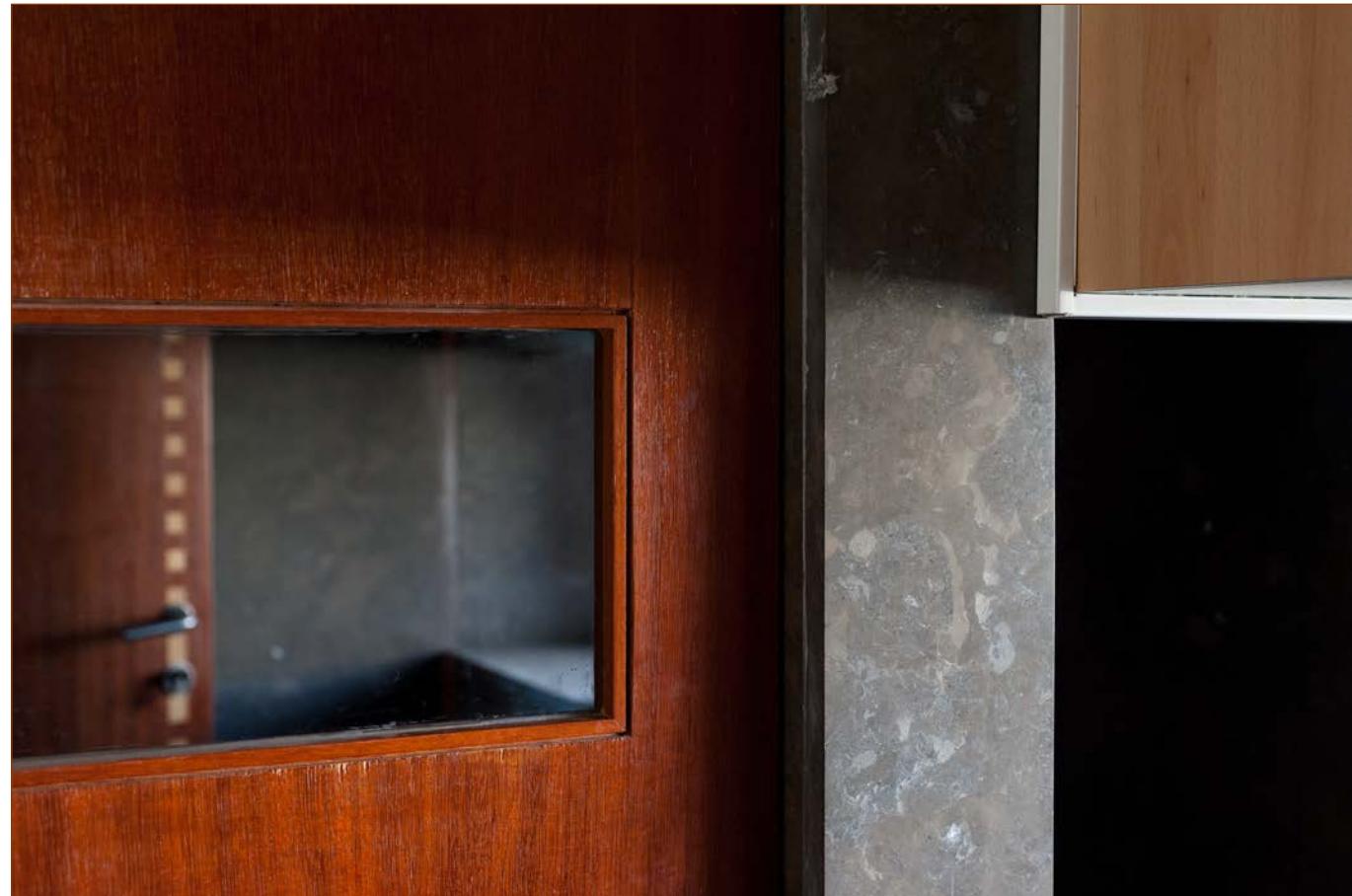
miguel saavedra
lisboa, pt, 2011



miguel saavedra
lisboa, pt, 2011



miguel saavedra
lisboa, pt, 2011



miguel saavedra
lisboa, pt, 2011

Qualquer fotógrafo retrata a cidade que o viu nascer ou que o acolhe. Esporádica ou continuamente, não há forma de escapar. Entre 1898 e 1927, Eugene Atget “deambulou pelas ruas de Paris com a sua câmara, captando os becos, fachadas, montras e algumas das gentes da cidade”⁽¹⁾, Já Robert Adams, em The New West (1974), regista os novos loteamentos suburbanos de casas iguais, estradas e parques industriais ao longo da Colorado Rocky Mountain construindo um olhar pessoal sobre o mais recente fenómeno de habitação de gosto duvidoso afastando-se assim da visão desprovida de emoção característica da natureza topográfica de trabalhos anteriores⁽²⁾. Gabriele Basilico fotografou cidades a vida toda, entre as quais a ‘sua’ Milão, retratando-as através da arquitectura, mostrando ruas e edifícios despidos do factor humano, quase como cidades fantasma.

Tal como estes fotógrafos, também eu decidi fotografar a minha cidade. Vivo e sempre vivi em Lisboa. Há (quase) quarenta e três anos que convivo com as suas ruas, que as procuro e encontro, que as atravesso e visito as suas casas. Endereços de alguns encantos, marcam ritmos porta a porta que, de uma forma ou de outra, sempre observei com carinho e curiosidade. Esta relação contínua não poderia levar a outra coisa que não um constante, mas ao mesmo tempo conformista, olhar sobre esses espaços do meu quotidiano.

Desafio paralelo à exposição 40_50_60, este projecto teve como ponto de partida obrigatório a idade que completo neste ano de 2013. Tão simples quanto isso: 43.

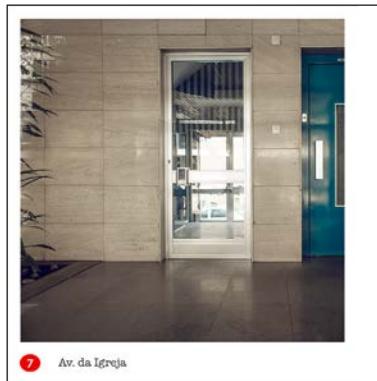
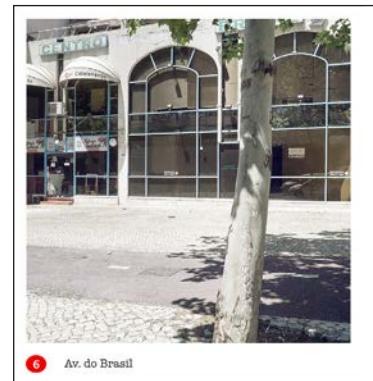
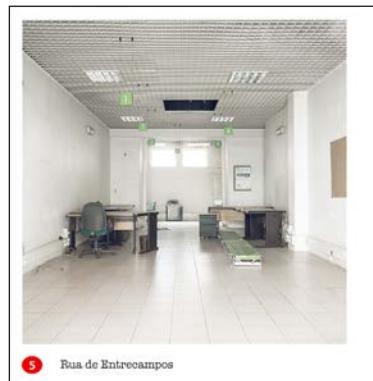
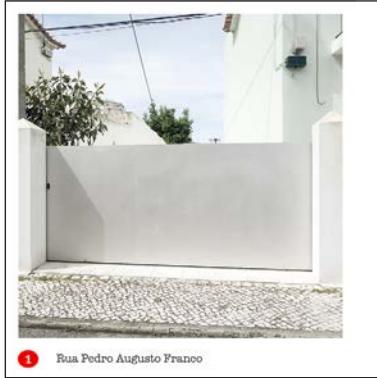
A série surge então de uma busca: cruzar os 43 lisboetas anos vividos com esse mesmo número enquanto morada, lugar, endereço; enquanto referência. Uma procura facilitada com as ferramentas modernas de visita virtual mas que, na realidade, eram apenas destinos traçados para a descoberta. Descobrir essas moradas e apenas registrar fotograficamente aquilo que, em poucos minutos, o olhar encontrava sem quaisquer pretensões de criar retratos desses locais (apesar de alguns indubitavelmente o serem).

Dos setenta registos acumulados que deveriam representar as centenas de nº43s existentes na cidade de Lisboa, mais uma vez o número-tema influenciou o destino do projecto: 43 imagens de moradas número 43. A escolha final centrou-se na tentativa de abranger uma área o maior possível da cidade e em questões puramente fotográficas.

(1) Abbot, Berenice, The World of Atget. in Goldberg, V. Photography in print

(2) Shea, D. Robert Adams's the new west reissue [versão electrónica] Ahorn Magazine. issue 2. acedido em 14 de maio de 2013 em www.ahornmagazine.com/issue_2/review5_shea_adams/review_shea_adams.html

luís carvalhal, maio 2013

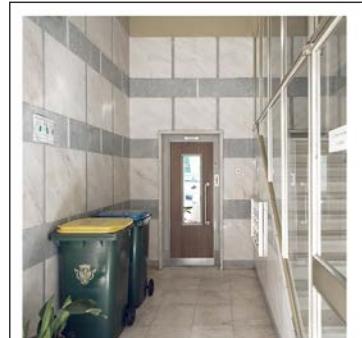




10 Av. João XXI



11 Av. Sacadura Cabral



12 Rua Oscar Monteiro Torres



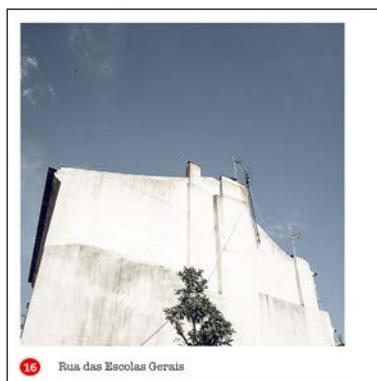
13 Rua Maestro Raul Ferrão



14 Rua dos Remédios



15 Rua de Santo Estévão



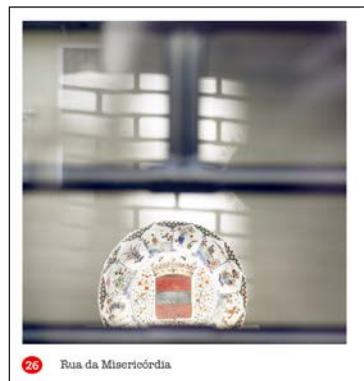
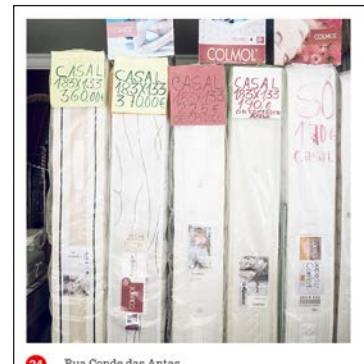
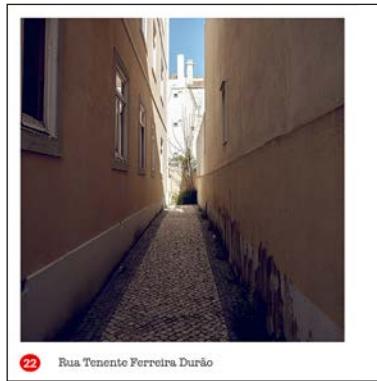
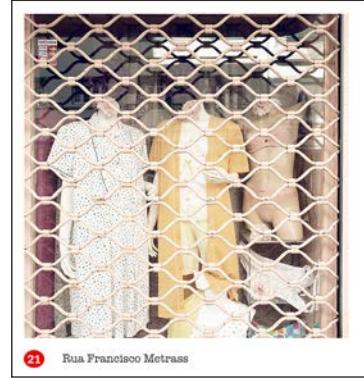
16 Rua das Escolas Gerais



17 Rua do Salvador

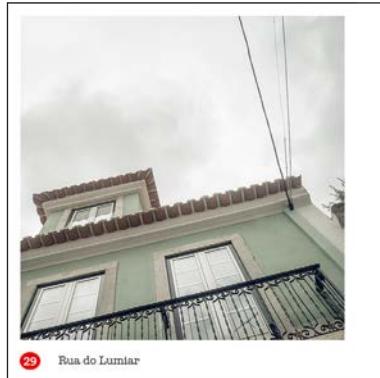


18 Rua Almeida e Sousa

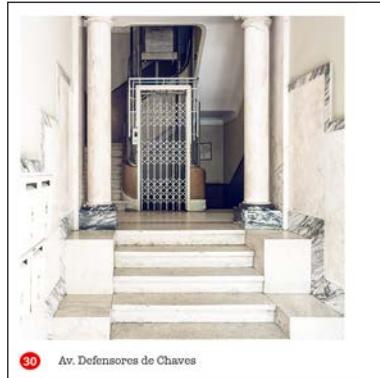




28 Alameda das Linhas de Torres



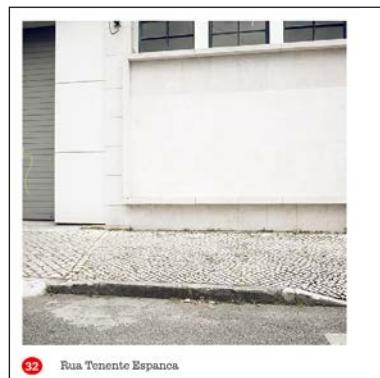
29 Rua do Lumiar



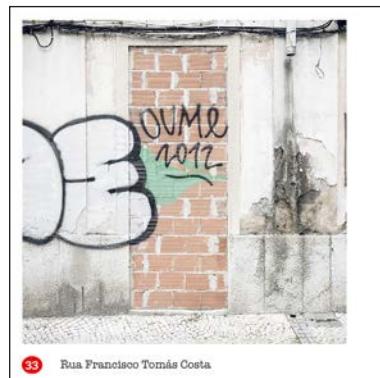
30 Av. Defensores de Chaves



31 Rua Santos Dumont



32 Rua Tenente Espanca



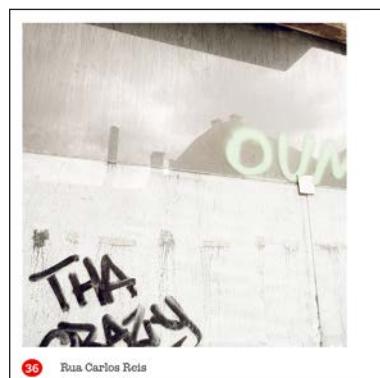
33 Rua Francisco Tomás Costa



34 Av. da República



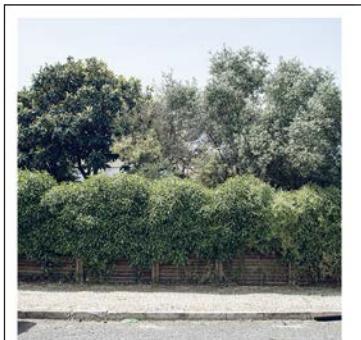
35 Av. João Crisóstomo



36 Rua Carlos Rois



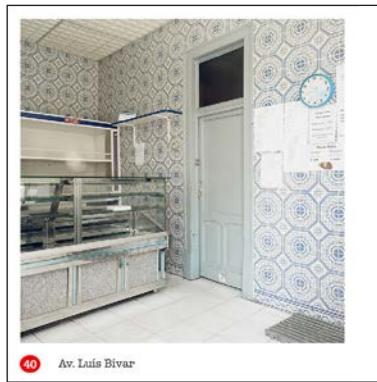
37 Rua Francisco de Holanda



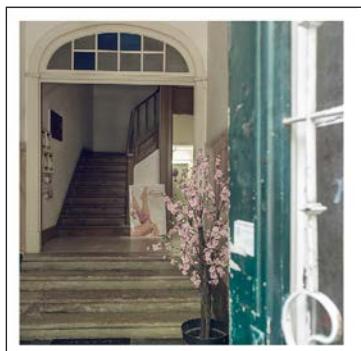
38 Rua Cidade da Beira



39 Rua Cidade de Inhambane



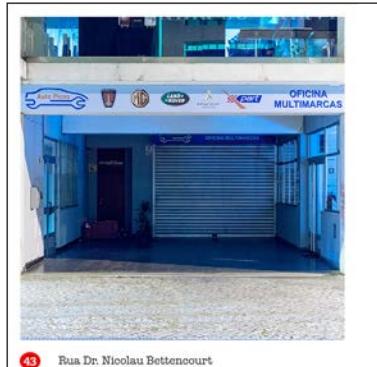
40 Av. Luis Bivar



41 Rua Pinheiro Chagas



42 Rua Fernão de Magalhães



43 Rua Dr. Nicolau Bettencourt

eq
Quarterly

vol.III - n°3 | Maio 2013

40_50_60

+

43

autores | Domingos Caldeira, Francisco Feio, Luís Carvalhal, Luísa de Sousa, Miguel Saavedra

data | Maio 2013

edição | equivalentes

editor e copyright | equivalentes_associção cultural

Av. Almirante Reis, 74 1B - 1150-020 Lisboa - Portugal - +351 960 412 567 - equivalentes@equivalentes.org

